

RESENHA

FAYAD, Marilda Martins. *A condição humana: uma reflexão sobre a ontologia fenomenológica sartriana*. Campinas: Editora Alínea, 2010. 114p.

Márcio Danelon*

Com relação à filosofia sartriana, a obra *A condição humana: uma reflexão sobre a ontologia fenomenológica sartriana*, de Marilda Martins Fayad, constituiu-se, a rigor, num “trabalho introdutório e não contempla toda a complexidade da sua filosofia” (p. 13). É composta de duas partes que objetivam apresentar, respectivamente, os conceitos da filosofia existencial de Sartre presentes nos anos quarenta, em especial em *L’être et le néant*, e enveredar, na segunda parte do livro, pelas obras de teatro de Sartre, notadamente, *Morts sans sépulture* e *Les mains salées*. A medula que permite o passeio entre a filosofia e o teatro é o tema da antropologia existencial. Esse tema central é esmiuçado na primeira parte da obra a partir de uma análise da subjetividade dissecada nos diversos conceitos de Sartre e abordada na obra de Fayad: consciência como um para-si, a liberdade ontológica do homem, a nadificação da consciência, os móveis, motivos e o valor das escolhas que são, marcadamente e sempre, intencionais. De fato, a ideia central da primeira parte de *A condição humana: uma reflexão sobre a ontologia fenomenológica sartriana* é demarcar a tessitura da condição humana de constituir-se como um ser jogado no meio do mundo, destituído de qualquer princípio ou essência *a priori* e que, portanto, tem que se haver como um projeto de ser, como uma busca de ser. A antropologia existencial é resgatada na segunda parte do livro a partir de uma análise do tema da alteridade ou da intersubjetividade. O trato que se faz desse tema é pelo viés das obras de teatro de Sartre, exatamente porque elas constituem-se num expediente demasiado profícuo para o embate das diferentes subjetividades. De fato, o cenário e as personagens, ao proporcionar a construção de experiências do vivido, torna palatável o

* Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: danelon@faced.ufu.br

trato do tema da alteridade. Assim, o teatro é uma outra linguagem para refletir sobre esse tema, entre outros temas possíveis, tal qual Sartre o desenvolveu, numa linguagem filosófica, em *L'être et le néant*. As duas peças de teatro encolhidas por Fayad para compor seu livro, a saber, *Morts san sépulture* e *Les mains Salles*, que permitem, amiúde, um trato sobre os conceitos de escolha, liberdade, consciência e da tortura a partir da situação vivida. Em ambos os discursos – o da filosofia e o do teatro –, tematiza-se a condição humana em sua contingência de ser um ser jogado no meio do mundo e responsável pela sua existência. A antropologia existencial de Sartre funde-se numa moral e numa psicanálise de cunho existencial. Essa marcação da antropologia existencial de Sartre e retratado no texto de Fayad no justo meio em que enfrenta, com a filosofia de Sartre, os espinhosos percursos da ética e da psicanálise.

Para além de comentários geral à obra aqui resenhada, constitui-se, de fato, em nosso interesse pinçar, cirurgicamente, alguns conceitos presentes na obra da Fayad a fim de potencializa-los à luz da filosofia sartriana. Trata-se, a rigor, dum livre exercício de intencionalidade ao elegermos as passagens de *A condição humana: uma reflexão sobre a ontologia fenomenológica sartriana*, para aqui comentá-las.

Assim sendo, em *A consciência que existe*, terceiro capítulo da primeira parte de *A condição humana: uma reflexão sobre a ontologia fenomenológica sartriana*, a autora discorre sobre o conceito de nada, pedra angular de *O Ser e o nada*, em suas diversas manifestações. Para Sartre, o nada infesta não somente a consciência – dimensão humana – mas o mundo – dimensão da materialidade – como também a ação humana que expressa relação do homem com o mundo – dimensão dos valores. Sartre faz isso didaticamente indo, *pari passu*, desde a consciência até o mundo, passando pelos valores. Porém, essas três dimensões estão, a rigor, condensadas, homogêneas, entrelaçadas numa única realidade, de forma que, de fato, elas são simultâneas. O trato que a autora dá ao conceito de nada sartriano vai ao encontro dessa unicidade do mundo humano, na medida em que Fayad leva e trás, num exercício de liberdade autoral, o conceito de nada desde a consciência ao mundo e à ação. A despeito disso, podemos levantar uma interrogação à autora e aos leitores dessa obra: Foi o conceito de nada levado, de fato, às últimas consequências por Fayad nesse texto? Levanto essa interrogação no cenário do tema da

temporalidade, abordado por Sartre e refletido por Fayad. Ora, o homem é temporalidade, tal qual caracterizado pela autora ao afirmar: “O homem sustenta o passado, o presente e o futuro de sua vida pela consciência e é por essa unidade temporal consciente que o homem vive os seus instantes e, sobre esses instantes, constrói a sua vida” (p. 27). O tempo aparece, então, como uma realidade no mundo humano, ao qual estamos integrados até a medula. No entanto, para Sartre o tempo é pura negatividade, ou, em outras palavras, o tempo é nadificado pela consciência humana. Nesses termos, a temporalidade é marcada em seus três ek-estases, pelo nada de ser: o passado é nadificado porque *não é mais*; o futuro nadificado porque *ainda não é*, e o presente nadificado porque *é um não instante*, ou um instante infinitesimal sugado pelo *não é mais e pelo ainda não é*. Se a temporalidade é negatividade, como a consciência pode sustentá-la? Sartre potencializa o nada até suas últimas consequências. Isto talvez seja o maior mérito do filósofo francês e o que o diferencia de Heidegger, por exemplo. Isso posto, perguntamos até que intensidade essa radicalidade de Sartre está presente em *A condição humana: uma reflexão sobre a ontologia fenomenológica sartriana*? A passagem acima destacada se perpetua diante dessa explosão da temporalidade presente na filosofia de Sartre?

Outra problematização do texto, acredito, pode ser posta em situação no capítulo quarto da primeira parte, intitulado de *O repouso transcendental*, momento em que Fayad reflete sobre a problemática da má-fé – conceito absolutamente fundamental na filosofia de Sartre – e sua relação com a liberdade. Como possibilidade de enfrentamento da nadificação da consciência, a má-fé emerge como uma conduta típica do sujeito que, ciente do nada de ser, procura uma fuga de si mesmo. É importante observar que a má-fé não revela uma alienação do sujeito diante de si mesmo, mas uma busca pela alienação. É dessa relação de ser e dever-ser – nada de ser e desejo de ser algo ao modo do em-si – da ontologia e da ética que o conceito de liberdade se entrelaça com o da má-fé. Vejamos um período desse capítulo: “A liberdade nos proporciona a possibilidade de escolher e, no caso da má-fé, a consciência escolhe dizer ‘não’ à possibilidade de escolher. Assim, a negatividade, como característica principal da liberdade, diz não a essa possibilidade de escolha. Se o para-si é o ser para quem seu ser está sempre em questão, na má-fé a liberdade é usada como negação dessa possibilidade” (p. 42) Se isso está

correto, devemos inferir que na atitude de má-fé acontece uma subsunção da possibilidade de escolha e, conseqüentemente, da própria liberdade, visto que liberdade é escolha. Porém, agir de má-fé é uma escolha que o sujeito faz diante do nada de sua consciência, portanto revela a liberdade ontológica da realidade humana. Na má-fé não há uma escolha que revela negação da escolha, ao contrário disso, como a liberdade é ontológica, o homem se faz ser na liberdade da qual ele não pode fugir. A má-fé é, de fato, uma miríade, pois se revela como um projeto de fuga do nada e da liberdade de ser – duas dimensões humanas causadoras da angústia – que fracassa exatamente porque, mesmo na atitude de má-fé, o homem revela e se depara com a nadificação de seu ser e com sua liberdade. Isso denota, em síntese, a vertigem da filosofia sartriana, na medida em que não há, em hipótese alguma, descanso para a liberdade, nem mesmo numa atitude de má-fé. Na página oitenta e sete, afirma Fayad: “Contudo, a liberdade só existe se conquistada na historicidade de cada um, numa situação verdadeira”. Ora, não há condicionamento para a liberdade, não há conquista da liberdade. Sendo a liberdade ontológica, ela é um abismo ao qual nunca vislumbramos o fundo e é essa realidade da condição humana que nos causa vertigem diante da filosofia sartriana.

Abordando os temas capilares da fenomenologia existencial na primeira parte de *A condição humana: uma reflexão sobre a ontologia fenomenológica sartriana*, entre os quais o conceito de valor – no capítulo *O homem valor* – os conceitos de móveis e projetos – no capítulo *Meus motivos, minha liberdade* – e de engajamento – no capítulo *O filósofo prosador* –, além dos conceitos já problematizados acima, a obra de Marilda Martins Fayad constitui-se numa boa reflexão sobre os herméticos conceitos de Sartre, tornando-os acessíveis, porém com fidelidade conceitual, ao público que se aventura nas primeiras leituras da filosofia existencial de Sartre. De fato, o livro de Fayad cumpre, de forma muito competente, o propósito elencado já na *Apresentação* dessa obra, de ser uma introdução à filosofia existencial de Jean-Paul Sartre.

Na segunda parte de *A condição humana: uma reflexão sobre a ontologia fenomenológica sartriana*, intitulado *Caminhando com o outro*, a autora migra suas análises da obra de Sartre, desde o lugar da filosofia para a topografia do teatro. Nessa parte, assume a dimensão valorativa da ética sartriana como tema que perpassa suas preocupações intelectuais. O

tema da alteridade emerge com bastante força nessa parte da obra, pois é na alteridade que a dimensão do valor, das escolhas e das ações ganha sentido. Nesse propósito, o enfrentamento do tema da ética não encontra mais *L' être et le néant* como interlocutor privilegiado, mas remete às obras literárias de Sartre, lugar em que o filósofo francês pontua situações singulares bastante profícuas para a reflexão ética. Para isso, Fayad toma duas obras de Sartre – *Morts sans sépulture* e *Les mains sales*, publicado no Brasil respectivamente como *Mortos sem sepultura* e *As mãos sujas* – como chave de entrada para a dimensão ética. Essa chave de entrada toma as situações existenciais dos personagens sartrianos, nessas peças de teatro, como situações-limites para a resposta ética, ou em termos sartrianos, para a escolha ética.

No capítulo primeiro da segunda parte em que aborda a peça *Morts sans sépulture*, o tema da tortura é explorado de forma concomitante com a morte. Emerge como pano de fundo da situação-limite da tortura, as escolhas que cada sujeito faz diante da experiência dessa situação. Fiel à perspectiva sartriana, o debate transcende desde uma moral idealista, cujo propósito prega a adoção de valores *a priori* para a situação-limite, para uma moral da situação em que os valores são fundados na dramaticidade da situação de tortura, tal qual explorada nesse teatro. Nesse embate entre moral idealista e moral existencialista, afirma Fayad: “Contra todas as determinações exteriores, Sartre contou que a maioria das vítimas não falou, embora, a questão em jogo fosse a própria vida. Essa peça teatral, além de toda náusea ou do sentimento de recusa pelos fatos históricos, que são somente humanos, mostra o exato momento no qual um homem, dentro de sua solidão existencial, cria e coloca o valor significativo do que é humano. É o instante em que além de todas as expectativas, contra todas as circunstâncias e abjeções, o homem inventa de novo o próprio homem. É o instante da criação do homem pelo homem: não há leis, nem determinações, nem costumes, nem normas e regras ou instituições. Tudo está acabado. O homem e sua liberdade são as únicas coisas que existem” (p. 82).

No segundo capítulo em que analisa a peça teatral *Les mains sales*, a situação-limite explorada versa sobre a opressão de uma classe e suas escolhas e projetos criados para transcender essa situação. A temática, então, dirige-se para as relações fins-meios, que são demasiadamente

espinhosas nas reflexões éticas. Nesse sentido, os fins da classe oprimida, que, no caso, são a libertação da situação de opressão e os meios utilizados por ela para atingir esse projeto, explodem com intensidade singular nessa peça de teatro de Sartre, que é explorada de forma bastante interessante por Fayad. Novamente, a topografia do confronto encontra na díade universal/particular seu cenário de emergência tensional, típica estratégia da filosofia de Sartre. A topografia universal/particular é materializada em situações nas quais os projetos singulares de cada personagem se confrontam e explodem no projeto universal da coletividade como classe oprimida. Trata-se, enfim, do espelho reflexo do mundo humano: cotidianamente vivemos situações de conflito entre projetos pessoais e projetos institucionais, entre o individual e o universal. De fato, “A peça mostra a finalidade sufocada pela exigência do meio. Essas situações são sempre comuns para todos os homens na vida real. *Les mains salles* evidenciam, assim, o problema dos meios, dos valores, dos motivos e das finalidades de cada instituição, de cada ser humano que caminha na direção de seus objetivos” (p. 89).

Enfim, a obra *A condição humana: uma reflexão sobre a ontologia fenomenológica sartriana*, de Marilda Martins Fayad, se constitui numa boa introdução aos conceitos da filosofia de Sartre, com a virtude de movimentar-se, de forma segura, entre os textos sartrianos de filosofia fenomenológica e de teatro, trazendo ao leitor a experiência de familiarizar-se com os conceitos de Sartre por meio de diferentes linguagens. Isso posto, recomendamos a leitura desta obra de Fayad tanto aos estudantes de Filosofia, de Psicologia e de Artes Cênicas quanto para aqueles que se interessam pela apaixonada defesa da liberdade, da autonomia, do livre pensar que encontramos na filosofia e no homem Jean-Paul Sartre.

Data de registro: 17/10/2011

Data de aceite: 21/03/2012